



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ESTUDANTES E EMPREENDEDORISMO MORAL: UMA REFLEXÃO SOBRE CONFLITOS, TENSÕES E AMBIGUIDADES NO MUNDO ESCOLAR

Leonardo Henrique Brandão Monteiro

Monteiro.hb.leonardo@gmail.com

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O autor é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e possui experiência dentro das escolas do estado de São Paulo nos papéis de aluno, professor e pesquisador. As observações utilizadas foram retiradas de uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ. Este trabalho tem por objetivo geral refletir acerca do papel social dos alunos em contexto de sala de aula, no ensino básico. O foco reside no modo que os próprios estudantes constroem relações a partir daquilo que conceituo como ‘empreendedorismo’ moral, sendo que os profissionais escolares aparecem como mediadores das tensões suscitadas por estas relações. Desta maneira, intenciono refletir de que modo os próprios estudantes constroem uma ação coletiva (BECKER, 1977) que pauta comportamentos no ambiente escolar. A mobilização de quatro conceitos chave guiam a análise presente no *paper*: a) a noção de ‘empreendedor’ moral, trazida através de uma releitura de conceitos de Becker (1977); b) a legitimidade dos atores das instituições escolares pensada a partir das formulações de Goffman (1975 e 2010); c) a desinstitucionalização dos sujeitos (DUBET, 1998, 2005 e 2009); e d) o senso comum como um sistema cultural (GEERTZ, 1981). A utilização destes conceitos a partir da premissa de que as instituições disciplinares, assim como é o caso da escola, utilizam seus dispositivos disciplinares como mediadores das relações sociais (RODRIGUES, 2007). A metodologia utilizada neste trabalho envolveu a observação participante, que assim como assinala Goldman (2003), consiste em um esforço de não apenas interrogar os agentes - no caso em questão envolvidos no ambiente escolar - mas captar suas ações, discursos e práticas não-discursivas. Deste modo, a reflexão desenvolvida parte de referenciais teóricos que se preocupam com as relações desenvolvidas em um contexto micro-social e de pensadores preocupados com questões de cunho geral a sociedades ocidentalizadas no período da Modernidade. Esta bibliografia foi canalizada para uma análise empírica de dados qualitativos retirados do cotidiano de instituições escolares. Portanto, o trabalho propõe uma leitura da dinâmica da sala de aula baseado em uma ótica que permita conceber os estudantes, enquanto agentes ativos do espaço escolar. Sendo que os estudantes, não apenas seriam subjetivados pelo mundo escolar, mas o estruturariam. Sendo que de certo modo, esta estruturação ocorreria a partir de referenciais do senso comum.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The author is a graduate of the Graduate Program in Education - PPGE of the Federal University of São Carlos - UFSCar and has experience within the schools of the state of São Paulo in the roles of student, teacher and researcher. The observations used were taken from a research funded by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPQ). This paper aims to reflect on the social role of students in the context of the classroom, in primary education. The focus is on the way that students themselves build relationships from what they conceptualize as moral 'entrepreneurship', and school professionals appear as mediators of the tensions aroused by these relationships. In this way, I intend to reflect on how the students themselves construct a collective action (BECKER, 1977) that guides behaviors in the school environment. The mobilization of four key concepts guides the analysis in the article: a) the notion of moral 'entrepreneur', brought through a re-reading of Becker's concepts (1977); B) the legitimacy of the actors of school institutions thought from the formulations of Goffman (1975 and 2010); C) the deinstitutionalization of the subjects (DUBET, 1998, 2005 and 2009); And d) common sense as a cultural system (GEERTZ, 1981). The use of these concepts on the premise that disciplinary institutions, as in the case of the school, use their disciplinary devices as mediators of social relations (RODRIGUES, 2007), will be mobilized as a contrast to a strand of social thought which is based on the ideas of Michel Foucault, when studying the (in) school discipline, represented here by three Brazilian researchers, in which the students are seen as only a kind of objects of an institutional machinery that the subjective ones within a logic of Discipline. The methodology used in this work involved participant observation, which, as Goldman (2003) points out, consists in an effort not only to interrogate agents - in the case in question involved in the school environment - but to capture their actions, discourses and non-discursive practices. Thus, the reflection developed is based on theoretical references that are concerned with the relations developed in a micro-social context and of thinkers concerned with issues of general character to Westernized societies in the period of Modernity. This bibliography was channeled to an empirical analysis of qualitative data taken from the daily life of school institutions. Therefore, the work proposes a reading of the dynamics of the classroom based on an



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

optics that allows to conceive the students, as active agents of the school space. As students, not only would they be subjectivated by the school world, but they would structure it. Being that in a certain way, this structuring would happen from common sense references.

Palabras-chave

Sociologia da Educação; Interações em sala de aula; ‘Empreendedorismo’ moral.

Keywords

Sociology of Education; Classroom interactions; Moral ‘entrepreneurship’.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Este *paper* tem como objetivo trabalhar a noção de ‘empreendedor’ moral dentro da sala de aula. Considerando que este é um espaço de conflitos, tensões, disputas, contradições e ambiguidades, encontramos diversos sujeitos que interagem enquanto atores deste espaço. Assim como define Larrosa (2007), a escola é uma maquinaria que não apenas ensina as novas gerações os conhecimentos acerca do mundo em que vivemos, mas, que funciona também como um verdadeiro aparato de aperfeiçoamento moral, definindo normas e desvios, imperativos e transgressões. Sendo que não existe apenas a ordem vigente pela escola em seu modelo institucional de aparato moral, ou uma lógica de ensinar as novas gerações sobre o mundo no qual vivemos. Há outras ordens vigentes que atingem o ambiente escolar ou agem de forma paralela a ele. Ordenamentos que orientam a ação dos sujeitos ao mesmo tempo, mesmo que isto ocorra de forma contraditória. A ideia aqui é refletir acerca de uma destas ordens vigentes, no que diz respeito a influência que os alunos podem possuir sob outros, realizados de forma deliberada ou não. Bem como, pensar sobre lógicas concorrentes a escolar que perpassam o alunado e logo, a instituição como um todo. Sendo, decisivo para isso se pensar o repertório simbólico que atravessa os atores envolvidos.

A noção de empreendedorismo moral trazida neste *paper*, funciona como uma reflexão acerca de um outro tipo-ideal que coaduna e mostra outras potencialidades da conceituação proposta por Becker (2008). As observações empíricas trazidas no corpo do texto são provenientes de projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ. Este escrito é fruto de um esforço que busca refletir a acerca da temática de como as relações sociais estruturam uma instituição que muitas vezes é considerada como tendo uma lógica intrínseca a si.

A escola, enquanto instituição, possuiria uma gama de dispositivos, tanto de uma ordem disciplinar, como de um viés de controle, que são o meio por onde se perfazem as relações sociais. Pretendo trazer à reflexão como esta mediação é realizada a partir do encontro do repertório simbólico diverso que os alunos trazem para a sala de aula, que é diverso entre si



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

e também é diverso em relação ao corpo profissional da escola. Mas, além desta reflexão que é pano de fundo, trago de forma analítica como alguns alunos constroem influências de formas diversas dentro da sala de aula e devem ser considerados - assim como o são professores, diretores e inspetores - ‘empreendedores’ morais dentro do espaço escolar.

II. Marco teórico

A escola que conhecemos possui uma clara tradição disciplinar. Assim como outras instituições disciplinares conhece seu auge em meados do século passado, assim como afirma Deleuze (1992). O filósofo francês argumenta que após o declínio das sociedades disciplinares erige uma configuração que pode ser chamada de sociedade do controle, e que ambas não se excluem, mas passam a conviver. As instituições escolares assim como todas as outras instituições disciplinares não se desligam e passam de um modelo para outro repentinamente. Os ranços disciplinares nestas instituições são claros e persistem até os dias atuais. O plácido ideário que professores tem acerca de como funcionaria uma escola perfeita, onde os alunos se mantivessem sentados ouvindo em silêncio atentamente à explanação do professor (AQUINO, 1998), é uma clara indicação da lógica disciplinar ainda presente nas representações simbólicas do professorado. Não podemos apenas afirmar que a escola não seja mais uma instituição disciplinar, como não podemos negar que há diversos processos que estão em curso hodiernamente que nos obrigam a repensar a forma de se refletir esta instituição. De extrema valia é a noção de Rodrigues (2007) de que as instituições disciplinares são disciplinares, pois mediam as relações sociais e negociam suas tensões através de mecanismos disciplinares.

Em suas análises sobre o desvio Becker (2008) compreende os empreendedores morais como aqueles que irão criar, ou fazer com que seja respeitada, determinada regra. Em razão disto, se detém especificamente sobre dois tipos, os impositores e os criadores de regras. O autor enxerga na figura dos cruzados morais o protótipo daquilo que chama de criadores de regras. E vislumbra na polícia, o que seria a figura do impositor de regras. Em sua análise, pertence a ambos os tipos de empreendedores morais a ‘responsabilidade’ de situar alguns sujeitos sociais sob uma rotulação de desviantes. Na realidade escolar, seria fácil situar os



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

profissionais escolares no papel de impositores de regras. Mas, ao focar sobre os estudantes pude perceber que estes também realizam uma influência moral sobre os outros estudantes. Os valores em jogo são traduzidos em ações sociais típicas de empreendedores morais em alguns momentos e em outros, o ‘empreendedorismo’ moral ocorre sem que estes estudantes se deem conta. Deste modo, seria uma espécie de fluxo ascendente de controle social realizado pelos alunos sobre os alunos. Na análise das cenas etnográficas ficarão mais claras estas afirmações.

Outro conceito que permeia toda a reflexão desenvolvida, mesmo que de forma indireta, é o conceito de legitimidade. Enveredo por dois caminhos na exploração deste conceito. Um do professor enquanto ator social e outro da instituição como um todo e os rótulos recebidos em ambos os casos. Os graus de legitimidade tanto de professores, quanto da instituição farão diferença para a organização da sala de aula. Pois, a legitimidade destes enquanto perpetradores da violência simbólica realizada no processo pedagógico, se ligará intimamente a construção, ou não, dos ‘empreendedores’ morais alternativos a aqueles que são institucionalizados como docentes, diretores e coordenadores.

A construção de um profissional é realizada de modo a formatar neste uma maneira, de se portar, vestir, falar e se comportar que faça parte do imaginário social, acerca desta profissão. (GOFFMAN, 1975). Com o professor não é diferente. Em primeiro lugar, a legitimidade construída pelos docentes perpassa por dois momentos que mesmo que distintos servem como um equilíbrio a este. Um momento onde a primazia por se fazer parecer um bom professor, passa pela aprovação dos outros profissionais existentes na escola. Esta aprovação consiste basicamente na forma como este controla a sala de aula. A lógica disciplinar da instituição escolar faz com que o bom professor na visão do quadro de funcionários da escola, seja aquele que não deixa sua sala fazer barulho em demasia, ou “sair do controle”. Um segundo momento, diz respeito a legitimidade que o professor irá possuir frente aos alunos de determinada sala de aula. Os graus de legitimidade de um professor podem variar muito de instituição para instituição e mesmo de sala de aula para sala de aula, tanto com os alunos quanto com os demais profissionais que são seus colegas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A localização de um indivíduo no papel social de professor não impede que os alunos não realizem toda uma gama de ‘testes’ com este profissional. Estes testes perpetrados pelos estudantes a um novo guardião das normas da instituição, nos termos de Goffman (2010), é uma forma de negociar a frouxidão ou a firmeza com que as regras estabelecidas, ou esperadas, numa relação professor-classe, serão desenvolvidas no tempo que o professor passar nesta sala. Ao final da primeira interação, já existe um rótulo ligado a este professor e os alunos de determinada sala de aula guiam sua ação por este rótulo. A partir deste rótulo criado e o grau de legitimidade levantado por ele, as ações sociais dos alunos serão influenciadas. Também é importante notar que o rótulo valorativo que a escola recebe – boa ou ruim – também estabelece uma gama de relações específicas e formas de negociação/resolução dos conflitos, advindos de comportamentos dos alunos considerados indisciplinados, particulares.

Hodiernamente existe uma paulatina desinstitucionalização dos sujeitos em curso, própria do aprofundamento da Modernidade, os sujeitos não mais são fabricados apenas dentro das instituições (DUBET, 1998). A escola contemporânea, enquanto instituição atualizada no ápice do período das sociedades disciplinares - situadas no tempo por Foucault (2006) até meados do século XX onde atingem seu ápice e se retraem. Um dos motivos desta retração seria que a Modernidade introduziu um vírus nas instituições, o que as decompõem pouco a pouco (DUBET, 2005: 67). Dubet (2005) aponta os processos que suportam esta decomposição: a) o ‘desencantamento’ do mundo e os meios de comunicação em massa criam sistemas culturais alternativos a escola; b) os professores deixam de ser aqueles que possuíam a vocação de ensinar e passam a ser profissionais do ensino, perdendo assim todo o *quantum* de legitimidade que era conferido por valores transcendentais; c) a escola não mais é um santuário, esta passa a ser de massa e obrigatória, não são mais apenas os selecionados que podem a desfrutar; d) a autonomia cada vez maior do indivíduo mina os antigos processos de ensino (*ibid.*). Desta forma, a experiência de ‘crescer’ no mundo e de ser um estudante, principalmente na adolescência, onde pode haver uma disparidade brutal



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

entre as experiências de socialização, podem formar sujeitos que negam a escola como parte da formação de suas personalidades.

No curso dos processos de desinstitucionalização, a personalidade pensa antes do papel. É ela que constrói o papel e a instituição. Este movimento não é novo. Ele já foi há muito tempo descrito em termos de crise, de narcisismo, de individualismo. Os conservadores e os donos do pensamento crítico seguidamente o condenam. Os primeiros denunciam o reino dos desejos, os segundos, sua manipulação pelas indústrias culturais. Estes riscos existem, mas os dois tipos de análise [...] não compreendem o trabalho que os atores realizam sobre eles mesmos, a fim de se constituírem como atores para construir seu modo social. Os indivíduos são, atualmente, “obrigados” a ser livres e a construir o sentido de sua experiência. Isto constitui o próprio movimento da modernidade. (DUBET, 1998: 32)

A “obrigação” dos indivíduos de construir o sentido de sua própria experiência os atrai para explicações baseadas no senso comum. Senso comum que como afirmado por Geertz (1981) é um sistema cultural tão válido, quanto qualquer religião, ciência ou ideologia. A diferença do senso comum é que este irá se assentar em fatos retirados diretamente do mundo e que não passam por um processo de reflexão, o que não quer dizer que sejam proposições de alguma forma inferiores a proposições retiradas de outras matrizes. O senso comum serve de amarra ao pensamento de diversos temas. Este sistema cultural possui um viés extremamente autoritário, sendo mais dogmático que qualquer religião, mais ambicioso que qualquer ciência e mais totalizante que qualquer filosofia (GEERTZ, 1981: 84).

Devido a impossibilidade de mapear por completo o senso comum presente em nossas sociedades, alguns de seus elementos distintivos devem ser realçados. Debord (2003) pensa que na lógica do capitalismo hodierno o importante não é ser, ou ter, mas sim *parecer*. Este parecer é acompanhado constantemente por um *aparecer* (RODRIGUES, 2007). Törkén (2010), argumenta que os indivíduos se inserem em uma espécie de lógica de mercado, onde o próprio sujeito além de vender sua força de trabalho, busca se ‘vender’ para possuir algum reconhecimento social. Este reconhecimento atravessa a posse de um ídolo,



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

um logotipo¹. Sendo assim, hodiernamente se liga a noção da construção da identidade com a acepção de um logotipo, um rótulo, que distinga um indivíduo dos demais. A busca por este logotipo inicia-se desde cedo na vida dos seres sociais ocidentais/ocidentalizados. Hoje é impossível estar numa escola, principalmente aquelas que possuem um alunado adolescente, e não perceber a busca do aluno por algo que o torne distintos. Törcke (2010), assinala que a grande lógica que perpassa a sociedade de emissores do século XXI, remete ao fato de que ser é aparecer.

A reflexão aqui proposta, irá se respaldar nos seguintes conceitos-chave: empreendedorismo moral, legitimidade, desinstitucionalização, senso comum e busca por um logotipo. De modo que a noção de *'empreendedor' moral* – pensando para além dos tipos-ideais analisados por Becker (2008) -, será considerada em um contexto escolar no qual a *legitimidade* dos atores é uma variável que exerce grande influência nas relações de violência simbólica presentes na instituição. Os conceitos de *desinstitucionalização* e de *senso comum*, tendo em vista uma sociedade que se organiza em busca de algum *logotipo*, trazem uma dimensão contextual à análise. Mas de mesmo modo não é permitido negligenciar os processos estruturantes da sociedade na tentativa de compreensão de fenômenos sociais, mesmo quando a pauta é a compreensão da ação social dos sujeitos em caráter microsociológico. Estes conteúdos que permeiam o repertório simbólico e constroem o senso comum dos atores analisados são vitais para analisarmos as construções de representações sociais que os atores envolvidos nas interações podem criar.

III. Metodología

A metodologia empregada neste trabalho consistiu em um esforço de coleta de dados de caráter qualitativo. A análise se pauta em duas cenas etnográficas. As reflexões metodológicas do trabalho foram construídas e atualizadas a partir, das afirmações de Geertz

¹ Nas palavras do autor: “Em meio a avalanche de inúmeras ofertas a mercadoria individual só consegue afirmar-se como algo reconhecível, especial se ela dispuser de um logotipo, de um signo de reconhecimento que lhe confira a aura do inconfundível, da exclusividade e só assim instaure a sua identidade” (TÖRCKE, 2001: 110).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

(1978), Goldman (2003) e Marques (2016). O primeiro fornece ferramentas para pensar acerca da construção da etnografia, o segundo dá elementos sobre como pensar o trabalho de campo quando o que é estudado faz parte do ‘coração’ do observador e o último prove elementos que possibilitam pensar o contexto escolar e a pesquisa de campo que se desenrola neste ambiente específico. Geertz (1978), talvez tenha popularizado a mais famosa definição sobre a etnografia a define como uma *descrição densa*. A intenção desta seria interpretativa, acima de tudo. Pois, para ele, o terreno da cultura, se constrói como um local onde as ações sociais possuem intrínsecas a si um significado simbólico. Desta maneira se busca a interpretação da ação social corporificada e não do comportamento individual é o objeto da análise etnográfica. Se realiza uma espécie de diagnóstico *post facto*. “O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados, apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na vida coletiva”. (GEERTZ, 1978: 38).

Goldman (2003), argumenta que uma teoria etnográfica deve ter como objetivo elaborar um modelo de compreensão de um fenômeno social, que mesmo que seja produzido em e para contextos particulares, forneça uma matriz de inteligibilidade que funcione em contextos diversos. Para este autor, se trata de deixar a realização de questões abstratas para dirigir o foco do pensamento para como ocorrem os funcionamentos e as práticas da realidade estudada. Para isto, o pesquisador deve se deixar afetar por aquilo que afeta o nativo, esta afirmação quando transportada para o estudo de sociedades complexas, implica que o estudioso deve perceber e se deixar levar por uma afecção, não ao que o inflige como ser vivente, mas por aquilo que afeta as pessoas com quem realiza a sua pesquisa. Por fim, Marques (2016), traz uma perspectiva voltada ao ambiente escolar. Este autor trabalha com procedimentos práticos para uma observação participante na área da educação. Sua maior contribuição para a reflexão do presente trabalho é pensar que um contato prévio com a instituição permitiria a realização de uma compreensão mais aprofundada da mesma. Mas o que não se pode imaginar seria a existência de uma pretensa neutralidade, o que é impossível na realização de qualquer empreendimento de pesquisa. O pesquisador deve saber quais as limitações de seu olhar e qual a sua parcialidade, para então

apreender uma análise que não se enviesse ao compreender a totalidade a partir de fora, mas que forneça indícios para uma reflexão, interpretativa e apurada, dos processos que ocorrem no ambiente escolar.

IV. Análise e Discussão de Dados

As cenas advindas de relatos etnográficos que serão trabalhadas aqui, possuem um sentido situacional, assim como o empregado por Goffman (2010), o que importa são os tons específicos que as interações sociais delineiam. Desta forma, vislumbra-se nestas observações de campo, situações em que os estudantes interagem com a ‘ordem social’ estabelecida na escola - seja para reforça-la, seja para nega-la – no papel de ‘empreendedores’ morais, nos termos descritos acima.

A primeira cena etnográfica que trago para a reflexão, é um relato etnográfico observado na escola Úrsula I. Buendía², que está sob a égide do governo do estado de São Paulo.

Gabriel, um aluno do primeiro ano do ensino médio, fora chamado à diretoria por passar *supercola* na cadeira de se colega Willian Matheus, que ao sentar teve sua bermuda deteriorada. A mãe do aluno Willian reclamara pessoalmente com a diretora, pois, segundo esta, a peça de roupa em questão havia custado 200 reais. Vale ressaltar que não fora apenas o aluno Willian que teve alguma peça de roupa colada pelo produto, nos dias anteriores a esta observação. Após uma longa conversa [...] o aluno Gabriel ‘confessa’ ter realizado a travessura, mas assevera que o aluno que teve a bermuda inutilizada pela cola, havia trazido o mesmo tipo de cola alguns dias depois. Houveram brincadeiras com *supercola* na segunda-feira e quarta-feira da semana em questão. Sendo que segunda foi trazida pelo aluno Gabriel e na quarta-feira pelo aluno Willian Matheus. Willian na segunda-feira após ter a bermuda ‘colada’, havia descido desconcertado a direção, onde demandou energeticamente a diretora que esta tomasse providências, mas devido a fatores que não ficaram claros, esta postergou até quinta-feira, para ‘tomar providências’ acerca do tema, ou seja esperou a quinta-feira para conversar com os alunos em sua sala. A conversa dos alunos na direção deixou claro que estes dois haviam conversado na terça-feira e se acertado, fato que

² Os nomes de instituições e pessoas citados neste texto são fictícios a fim de preservar confidencialidade exigida para a realização de trabalho de campo em tais espaços.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

fez com que o aluno Willian trouxesse a *supercola* na quarta, e aplicasse o produto na cadeira de outro colega, que a mãe também foi a escola reclamar e deu o nome de Gabriel como o responsável por colar a roupa de seu filho a cadeira. (Diário de Campo, 31/03/2016)

Este registro de campo traz à tona o acontecimento no qual o aluno Willian Matheus, mesmo após ter a bermuda estragada pela *supercola*, não delatou o aluno Gabriel para a direção, mas pelo contrário se juntou a ele na realização da ‘pegadinha’. No final das contas, os alunos foram suspensos por um dia.

A segunda observação empírica que trago é de uma destas aulas ministradas³ na escola Miguel Arcángel, durante o período noturno:

A legitimidade de um professor eventual na sala de aula é muito baixa. Sendo assim, a minha aula simplesmente não era possível de ser ministrada, pois desde o momento que adentrei a sala, um terceiro ano do ensino médio, a conversa dos alunos se dava de modo ininterrupto e em alto volume. As tradicionais chamadas de atenção e pedidos de silêncio simplesmente não funcionavam. Eis que um aluno, provavelmente vendo o esgotamento em meu semblante, ou interessado na aula que tentava iniciar, começa a exigir silêncio de seus colegas. O aluno, ao chamar a atenção dos outros estudantes para si, fez um discurso sobre o fato de o professor (eu) estar ali trabalhando e ressaltando que nenhum deles gostaria que alguém chegasse em seu local de trabalho e fizesse algazarra. Após o inflamado discurso do discente os ânimos se retraíram e ministrei a aula, inclusive com alta participação dos alunos, mesmo que um grupo de alunas tivesse se mantido a parte da aula, conversando entre si. Considero que a intervenção do aluno em questão teve efeito prático na relação mantida com aquela sala. Visto que na próxima aula que fui chamado a ministrar na mesma sala, alguns alunos perguntaram se o tema desta aula seria correlato ao da aula anterior, fato extremamente raro, pois geralmente não há estabelecimentos de vínculos efetivos, ou de uma relação pedagógica entre professores eventuais e alunos, mesmo aqueles que vão com frequência a determinada escola (Diário de Campo, 30/07/2016)

³ Uma parte do período considerável do trabalho de campo fora desenvolvido dentro da sala de aula, na forma de uma observação participante, exercendo a função de professor.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O elemento importante nesta cena para o argumento deste trabalho, repousa na efetiva mudança de comportamento da sala, a partir da recuperação e articulação pelo estudante de um elemento comum a todos na sala – o mundo do trabalho.

Mas, enfim, que trazem para a reflexão estas cenas etnográficas? As duas cenas apresentadas acima são os dados qualitativos da reflexão acerca o ‘empreendedorismo’ moral dos estudantes. Mesmo em uma relação na qual os papéis sociais seriam iguais, afinal são todos estudantes, alguns se projetam como influência direta as ações sociais movidas por valores de outros alunos. O papel dos alunos ‘empreendedores’ morais se ancora em lógicas exteriores a escolar, estas lógicas podem reforçar a lógica escolar ou nega-la e levar transtornos para aqueles que esperam que a escola seja um lugar plácido e de uma aprendizagem silenciosa. As ambiguidades do mundo escolar por vezes se traduzem em conflitos que se perfazem em cenários ruidosos e visíveis.

A sobredeterminação de planos simbólicos independentes a escola, trazidos pelos comportamentos dos estudantes, visa refletir acerca desta configuração. Na primeira cena, vemos que a influência do estudante Gabriel sobre o estudante Willian Matheus, repousa em muito mais do fato de simplesmente o incitar a também levar *supercola* para a escola. Pode-se especular neste momento se haveria uma lógica ética entre os estudantes que impedisse o aluno de dedurar seu colega. Mas, devido ao aluno Willian querer se tornar participe das pegadinhas de Gabriel, minha analítica envereda por outro caminho. Willian Matheus não possuía um logotipo (TÜRCKE, 2001) que o distinguisse dos demais. Ele gostaria de se destacar entre seus colegas, se tornando aquele aluno que perpetra os atos indisciplinados, como pegadinhas, e não o objeto destas. A observação de campo revelou que estes alunos que realizam os atos considerados de indisciplina possuem um status fortemente positivado na sala de aula, possuindo grande influência sobre os outros alunos, como no caso de Gabriel. Sendo que, mesmo uma bermuda estragada, não fora o suficiente para que Willian rompesse relações com Gabriel, mas pelo contrário, foi motivo para que ele tentasse se aproximar de Gabriel e do destaque que este possuía frente a sala. Podemos aferir que há uma influência que leva os alunos a perpetrarem comportamentos sobre a influência de outro aluno, mesmo que não sob influência intencional daquele que é modelo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Um aluno faz um discurso inflamado acerca da lógica do trabalho, nos remete a uma clássica cena de sala de aula, principalmente quando há um professor eventual na classe. A falta de conexão entre professor e alunos é remetida como motivo para os alunos não se comportarem na aula deste professor – ao menos essa é a interpretação de grande parte dos alunos ouvidos em campo. Deste modo, temos em toda aula, ministrada um professor substituto, uma construção de uma legitimidade que muitas vezes foge da legitimidade correlata a instituição, da qual professores ‘da casa’ possuem o lastro, seja este positivo ou negativo. De modo que, a intervenção de alunos nestas aulas é recorrente, muitas vezes, infrutífera. O relevante deste caso é o fato do aluno conseguir com que seu pedido, para que a aula conseguisse ocorrer, fosse atendido. Assim como em toda interação social, temos que considerar a influência da legitimidade do ator que fala, mas também saliento o foco de sua fala, ao se tratar de uma sala de terceiro ano no período da noite, trazer à tona uma lógica do mundo do trabalho, uma lógica a qual quase todos estavam completamente imersos. Nota-se que um grupo de alunas não deu ouvidos ao apelo do estudante, tido por elas como alguém que “queria aparecer”. A influência do aluno enquanto ‘empreendedor’ moral atravessa sua própria legitimidade frente ao grupo e o compartilhamento de um repertório simbólico, no caso, acerca do mundo laboral.

V. Considerações Finais

A intenção que moveu este trabalho, fora a de pensar a instituição escolar para além do modelo disciplinar a qual se acopla até os dias atuais. Dentre os motivos deste enfoque está a decadência do modelo disciplinar e a ascensão de um modelo baseado no controle. Sendo que, trata-se de gerir a agonia das instituições disciplinares e ocupar as pessoas até a instalação das novas formas que se anunciam (DELEUZE, 1992: 220). Alguns mecanismos de controle, como o de formação continuada e avaliação ininterrupta, pelo menos nas escolas geridas pelo estado de São Paulo, já atravessam a vida de docentes e diretores das instituições. Mesmo que a lógica na escola ainda seja em sua maior parte a disciplinar, a tentativa de manutenção dos alunos dentro de suas salas durante o período de troca de professores, por exemplo, um esforço hercúleo dos profissionais de todas as instituições observadas até o momento, é uma clara conservação desta lógica. As sociedades que estão sob a égide do ocidente estão em processo de paulatina desinstitucionalização.



Este processo enfraquece o poder de mediação que os mecanismos disciplinares possuem dentro destas instituições, fazendo com que os processos escolares sejam constantemente envoltos em tensões.

Este trabalho teve como objetivo levantar elementos para uma reflexão sobre o modo que repertórios simbólicos são atualizados na instituição escolar e como participam na construção de alunos que se enquadrem em papéis de ‘empreendedores’ morais. Este empreendedorismo realizado pelos estudantes pode estar em consonância a lógica escolar em sentido de reforça-la, ou pode também se realizar de a modo a se colocar contra a lógica estabelecida. Cada vez mais as relações estudantes-profissionais escolares, principalmente com o professor, podem ser entendidas como uma negociação constante entre ‘empreendedores’ morais na maior parte dos casos. Os mesmos processos que levam a desinstitucionalização dos sujeitos e que os fazem buscar um logotipo, radicalizam estas negociações de tensões que podem passar a ser conflitos, nos quais inclusive podem existir casos extremos de violência física, que não foram tratados aqui, mas que podem ser pensados através deste viés. Portanto, instituição escolar, que media suas relações através de dispositivos disciplinares, está atravessada por diversas lógicas exógenas a ela, que irão condicionar as relações através dos diversos repertórios simbólicos que os sujeitos que estão dentro da instituição se ancoram ao estabelecer as suas relações sociais neste ambiente.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

AQUINO, J. G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. IN: **Caderno Cedes**, nº 47 dezembro 1998. p. 7 - 19.

BECKER, Howard S.. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

_____. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Projeto Periferia: 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf> . Acesso: 02/04/2016.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. IN: _____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. IN: **Revista Contemporaneidade e Educação**, ano 3, vol.3, 1998, pp.27-33.

_____. Las paradojas de la integración escolar IN: **Espacios en Blanco. Revista de Educación**, Buenos Aires vol. 19, junio, 2009, pp. 197-214

_____. ¿Mutaciones institucionales y/o neoliberalismo? IN: **Revista Colombiana de Sociología**. Bogotá n. 25 2005, pp. 63-80.

FOUCAULT, M.. Terceira Parte: Disciplina. In: _____ *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. p. 117-188.

_____. A sociedade disciplinar em crise. IN: MOTTA, M. B. (Org.) *Estratégia, Poder-Saber: Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

LARROSA, Jorge. Prológo. IN: RATTO, Ana Lúcia. *Livros de ocorrência: (in)disciplina, normalização e subjetivação*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

RODRIGUES, Luciana Azevedo. *A (in)disciplina em revista: um estudo sobre indústria cultural*. (Tese de Doutorado) São Carlos: UFSCar, 2007.

TÜRCKE, Christoph. A luta pelo logotipo IN: DUARTE, R; FIGUEIREDO, V (Org.) *Mímesis e expressão*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 109-121.